

RUA CAPITÃO FELIPE NERI

Decreto nº 92 de 13-03-1945

Decreto nº 94 de 16-05-1945

Decreto-lei nº 311 de 13-11-1945

Aprovado pela resolução nº 2.069, de 1945, do Conselho Administrativo

Formada pela rua 2 da Vila Gagliardi

Início na rua Bernardino de Sena

Término no balão de retorno

Vila Gagliardi

Obs.: O decreto nº 94 revogou o decreto nº 92. Ambos esses decretos foram assinados pelo Prefeito Municipal de Campinas, em Comissão, P. Leite de Barros. O Decreto-lei nº 311/45 foi assinado pelo Prefeito Joaquim de Castro Tibiriçá.

#### FELIPE NERI

Felipe Neri nasceu em Carrancas, Capitania de Minas Gerais, a 01-05-1754 e faleceu na Vila de Porto Feliz, SP, em setembro de 1812. Era filho de Capitão Domingos Teixeira Vilela e Angela Isabel Nogueira do Prado e foi casado com Maria Leite de Camargo. Consta haver mudado para Campinas, onde alugou casa nas vizinhanças da atual Matriz do Carmo, a 01-01-1792. Entre outros irmãos de Felipe Neri, contam o Frei Antonio de Pádua Teixeira, 1º vigário da freguesia das Campinas e o padre José Teixeira Vilela, vigário da Matriz velha. No ano de 1793, regressou à Minas, onde nasceu seu primogênito, de nome Antonio Teixeira de Camargo. Segundo Celso Maria de Melo Pupo, o Capitão Felipe Néri Teixeira, encontrava-se nesta villa, em 1774-1775 e como os demais da família, foi abastado Senhor de Engenho e já servira à terra campineira, desde quando aqui se estabeleceu e se fixara. Em 1783, a Câmara de Jundiá pediu ao Governo da Capitania a nomeação de um capitão para governar a freguesia de Campinas, sendo o pedido atendido em 1789, e a escolha recairia a Felipe Neri para capitão agregado. Foi almotacé em 1798 e, em novembro desse ano, foi eleito sargento-mor, cargo em que não foi empossado. Sua sesmaria ficava na chamada Barra, próxima de onde se localizou a estação da Mogiana de Guedes. Foi capitão de ordenanças da Vila, da 2ª. Companhia, em 1797, e foi senhor de todas as terras do sitio Campo Grande. Foi Juiz Ordinário da Vila, Juiz de Órfãos, foi quem escolheu o local para a ereção da Matriz Nova e gozou de grande conceito na Vila de São Carlos, pelo seu espírito empreendedor e progressista e pela enérgica vontade, que sempre o animava.



## Decreto N. 94, de 1945

REVOGANDO O DECRETO N. 92, DE 13 DE MARÇO DE 1945

O Prefeito Municipal de Campinas, usando da atribuição que lhe confere o art. 12, n. III, do decreto-lei federal n. 1.202, de 8 de abril de 1939,

**D E C R E T A :**

Art. 1.º — Fica revogado o decreto n. 92, de 13 de março de 1945.

Art. 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação.  
Fago Municipal de Campinas, aos 16 de maio de 1945.

P. LEITE DE BARROS

Prefeito Municipal, em Comissão

Publicado na Diretoria do Expediente da Prefeitura Municipal, em 16 de maio de 1945.

O Diretor,  
ADMAR MAIA



## Decreto-Lei N. 311

## DA DENOMINAÇÃO A LOGRADOUROS PÚBLICOS

O Prefeito Municipal de Campinas, usando da atribuição que lhe confere o art. 12, n. 1, do decreto-lei federal n. 1.202, de 5 de abril de 1939, DECRETA:

Art. 1.º — Passam a denominar-se, pela forma abaixo indicada, as seguintes ruas, avenidas e praças públicas constantes da respectiva planta rubricada pelo Prefeito, a saber:

RUA BARÃO DE PARANAPANEMA — antiga rua conhecida como Estrada da Baronesa, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Dr. Moraes Sales e termina na Rua Proença;

RUA LUIZ BALINCOURT — antiga Rua Seis, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Proença e termina na Rua Alfa, da Vila Isabel;

RUA SAINT HILAIRE — antiga Rua Cinco, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Proença e termina na Rua Alfa, da Vila Isabel;

RUA SILVA MANSO — antiga Rua Quatro, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Proença e termina na Rua Alfa, da Vila Isabel;

RUA TENENTE GONÇALVES MEIRA — antiga Rua Dois, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Proença e termina na Rua Uruguaiana;

RUA BARÃO DE ANHIMAS — antiga Rua Um, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Proença e termina na Rua Uruguaiana;

RUA DONA OLÍVIA PENTEADO — antiga rua conhecida como Travessa da Saudade, que começa na Praça Voluntários de 32 e termina na Rua Abolição;

RUA SILVA PONTES — antiga Rua Dois, da Vila Marieta, que começa na Rua Sales Leme e termina junto à divisa dos terrenos do antigo Hospital de Isolamento;

RUA HIPÓLITO DA SILVA — antiga Rua Um, da Vila Marieta, que começa na Rua Dr. Botim e termina na divisa dos terrenos de propriedade de José Penteado;

RUA MORAIS NAVARRO — antiga Rua Cinco, da Vila Marieta, que começa na Rua Seis, da mesma vila, e termina na rua conhecido como Ranulfo Sales;

RUA ÁLVARO VILACELIN — antiga Rua Quatro, da Vila Marieta, que começa na Rua Moraes Navarro (antiga Rua Cinco), e termina na rua conhecida como Ranulfo Sales;

RUA FLORIANO CAMARGO PENTEADO — antiga Rua Cinco, da Chácara Vieira, que começa na Avenida da Saudade e termina na Rua Abolição;

RUA GENERAL LAURO SODRE — rua sem denominação, da Chácara Árvore Grande, que começa no córrego e, seguindo paralelamente ao prolongamento da Rua João Teodoro, termina na divisa da mesma chácara;

RUA FRANCISCO DE ASSÍS PUPO — rua sem denominação, da Chácara Árvore Grande, que começa no córrego e, seguindo paralelamente ao prolongamento da Rua João Teodoro, após uma curva, à esquerda, termina nessa mesma rua;

RUA CADETE JOÃO TEIXEIRA — antiga Rua Quatro, da Vila Teixeira, que começa junto ao leito da Estrada de Ferro Sorocabana, abaixo da Rua Joaquim Vilac, e termina na divisa da vila do mesmo nome;

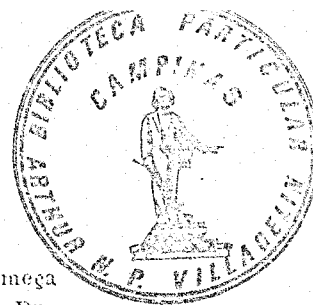
RUA CORONEL JOAQUIM MONTEIRO — antiga Rua Cinco, da Vila Teixeira, que começa na Rua Joaquim Vilac e termina na divisa da mesma vila;

RUA JANUÁRIO DE OLIVEIRA — antiga Rua Dois, da Vila Teixeira, que começa junto ao leito da Estrada de Ferro Sorocabana, acima da Rua Cadete João Teixeira (antiga Rua Quatro) e termina na Rua Joaquim Vilac;

RUA MAJOR LUCIANO TEIXEIRA — rua sem denominação, que começa na Rua General Bento Bicudo e, seguindo em direção normal a esta, termina na Rua Governador Pedro de Toledo, próximo à Rua do Café;

RUA PADRE CAMARGO LACERDA (Padre Abel) — antiga Rua Cinquenta e Sete, do Bonfim, que começa no leito da Estrada de Ferro Mogiana e, seguindo paralelamente à Rua Emílio Henking, termina na Rua Circular Quatro, do Jardim Chapodão;

RUA DR. SALVADOR PENTEADO — antiga Rua Cinquenta e Oito, do Bonfim, que começa no leito da Estrada de Ferro Mogiana e, seguindo paralelamente à Rua Padre Camargo Lacerda (antiga Rua Cinquenta e Sete), termina na Rua Rafael Sales;



## Decreto-Lei nº 311 de 13-11-1945 - Fls. 2

RUA ESPANHA — antiga Rua Cento e Dez, do Bonfim, que começa no leito da Estrada de Ferro Mogiana e, seguindo paralelamente à Rua Dr. Salvador Pentecado (antiga Rua Cinquenta e Oito), termina na Rua Alberto Sarmento;

RUA ITALIA — antiga Rua Cento e Vinte e Nove, do Bonfim, que começa na divisa dos terrenos onde está situada a máquina de algodão de propriedade de Rafael & Cia. e, seguindo paralelamente à Rua Espanha (antiga Rua Cento e Dez), termina na Rua Germânia;

RUA DAS PALMEIRAS — antiga rua conhecida como Travessa Sorocabana, do Bonfim, que começa na Avenida Pedro de Toledo e termina na rua conhecida como Avenida Sorocabana;

AVENIDA FRANCISCO ELISÁRIO — avenida sem denominação, conhecida como Avenida Sorocabana, do Bonfim, que começa na Rua Pereira Lima, junto à passagem superior da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro e, seguindo paralelamente à Avenida Governador Pedro de Toledo, termina na divisa dos terrenos onde está situada a Fábrica João Jorge;

RUA REVERENDO EDUARDO LANE — antiga Rua Cento e Cinco, da Vila Nova, que começa na Rua Carolina Florence e termina na Rua Buarque de Macedo;

RUA CONSELHEIRO ANTÔNIO PRADO — antiga rua conhecida como Quinta Travessa, da Vila Nova, que começa na rua conhecida como Avenida Maria Lins e, seguindo em direção normal a esta, termina na divisa dos terrenos onde está situada a Estação da Rádio Difusora de Campinas;

RUA DONA ANA GONZAGA — antiga Rua Setenta e Sete, do Guanabara, que começa na Rua Paula Bueno e, seguindo em direção normal a esta, termina nas proximidades do Canal do Saneamento;

RUA CAPITÃO FRANCISCO DE PAULA — antiga Rua Cento e Sete, do Cambuí, que começa na Rua Emília Ribas, abaixo da Rua Santo Antônio e, seguindo paralelamente a esta, termina no Córrego Proença (Avenida Perimetral);

RUA COMENDADOR TORLOGO DAUNTRÉE — antiga Rua Um, da Vila Cambuí, que começa na Rua Barreto Leme e termina na praça de retórno;

RUA DOS ALECRINS — antiga Rua Vinte e Um, que começa na Rua Diogo Prado e, seguindo paralelamente à Rua Santo Antônio, termina no Córrego Proença (Avenida Perimetral);

RUA CARLOS KAYSER — antiga Travessa A, do arruamento Mário Sidow, que começa na Rua Coronel Quirino e termina na Rua Maria Montelto;

RUA LUIZ SILVÉRIO — antiga Rua Sete, da Vila Marieta, que começa na rua conhecida como Ranulfo Sales e termina na Vila Paraíso;

RUA JOÃO EGÍDIO — antiga Rua Dez, da Vila Marieta, que começa na Rua Sales Leme e termina na Avenida Washington Luiz;

RUA LEOPOLDO AMARAL — antiga Rua Ranulfo Sales, da Vila Marieta, que começa na Rua Sales Leme e termina na Rua Dr. Betim;

RUA PADRE BERNARDO DA SILVA — antiga Rua Um, do arruamento São Bernardo, que começa na Rua Dois e termina na linha de transmissão da Companhia Paulista;

RUA PROFESSOR ADALBERTO NASCIMENTO — antiga Rua Três, do arruamento São Bernardo, que começa na Rua Dois e termina na linha de transmissão da Companhia Paulista;

RUA ELIAS LOBO NETO — antiga Rua Cinco, do arruamento São Bernardo, que começa na Rua Dois e termina na linha de transmissão da Companhia Paulista;

RUA ARNALDO BARRETO — antiga Rua Sete, do arruamento São Bernardo, que começa na Rua Dois e termina na linha de transmissão da Companhia Paulista;

RUA DR. PINTO FERRAZ — antiga Rua Nove, do arruamento São Bernardo, que começa na Rua Dois e termina na linha de transmissão da Companhia Paulista;

RUA DR. BENIGNO RIBEIRO — antiga Rua Quatorze, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório do arruamento;

RUA PAULO LACERDA — Antiga Rua Doze, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório;

RUA DR. ALVES DO BANHO — antiga Rua Dez, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório;

RUA DR. CASSIANO GONZAGA — antiga Rua Oito, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório;



## Decreto-Lei nº 311 de 13-11-1945 - Fls. 3

RUA DR. LAS CASAS DOS SANTOS — antiga Rua Seis, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório;

RUA DR. FRANCISCO POMPEU — antiga Rua Quatro, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório;

RUA IMPERATRIZ LEOPOLDINA — antiga Avenida Maria Lins, (denominação popular), que começa na Rua Carolina Florence e termina na Avenida Brasil (Estrada dos Amarais);

RUA JOAQUIM GOMES PINTO — antiga Rua Beta, da Vila Progresso, que começa na Rua Coronel Quirino e termina na praça de retorno;

RUA BERNARDINO DE SIENA — antiga Rua Um, da Vila Gagliardi que começa na Avenida da Saúde e termina na Rua Abolição;

X RUA CAPITÃO FELIPE NERI — antiga Rua Dois, da Vila Gagliardi, que começa na Rua Bernardino de Siena e termina na praça de retorno;

RUA PADRE ANTÔNIO JOAQUIM — antiga Travessa Santa Teresinha (denominação popular), que começa na Rua Uruguaiana e termina na Rua Proença;

RUA DONA MARIA UMBELINA COUTO — antigo prolongamento da Rua Tiradentes, que começa na cerca da Companhia Mogiana, em continuação a Rua Tiradentes, e termina na divisa dos terrenos do Liceu Nossa Senhora Auxiliadora;

RUA COMENDADOR QUERUBIM URIEL — antiga Rua Quatro, do arruamento Bueno de Miranda, que começa na Avenida Silva Teles e termina na Avenida Orosimbo Maia;

RUA PADRE JOSÉ TEIXEIRA — a travessa da Vila Maria Ercília, que começa na Rua Barreto Leme e termina na Rua Benjamin Constant;

RUA PEDRO ALVARES CABRAL — antiga Rua Alfa, da Vila Isabel, que começa na Rua Uruguaiana e termina na Rua General Marcondes Salgado;

PRAÇA JOAQUIM TEIXEIRA — a praça formada pela influência da Rua Paula Bueno e Estradas de Anhumas e Mogi-Mirim;

PRAÇA COMENDADOR SOARES — antiga Praça Proença;

RUA IRMÃ ANA JUSTINA — antiga Rua Guedes Barreto (ato n. 25, de 29 de junho de 1931);

RUA CONSELHEIRO GOMIDE — antiga Rua Correia de Lemos (ato de 7 de novembro de 1903);

RUA DONA JOSEFINA SARMENTO — antiga Travessa Maria Monteiro (ato n. 25, de 29 de junho de 1931);

LARGO DAS ANEORINHAS — antiga Praça Heitor Penteado (resolução n. 707, de 8 de março de 1923);

PRAÇA DR. HEITOR PENTEADO — a praça inicial da futura Avenida Dr. Campos Sales, no cruzamento dessa avenida com as de Ligação e Rua Onze de Agosto;

PRAÇA DONA JÚLIA LOPES — o trecho da Praça Ramos de Azevedo, compreendido entre as Ruas Marquês de Três Rios, Saldanha Marinho e Dr. Silveira Lopes;

RUA IRMÃOS BIERREMBACH — antiga travessa do mesmo nome (edital de 12 de setembro de 1927);

RUA ALFERES PAULA NOGUEIRA — rua conhecida como Travessa Irmãos Bierrembach, que começa na Rua Irmãos Bierrembach e termina na Rua Olavo Bilac;

RUA DIOGO PRADO — antiga Rua Dioguinho (ato n. 25, de 29 de junho de 1931).

Art. 2.º — Este decreto-lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 13 de novembro de 1945.

JOAQUIM DE CASTRO TIBIRIÇA

Prefeito Municipal

Publicado na Diretoria do Expediente da Prefeitura Municipal, em 13 de novembro de 1945.

O Diretor,

ADMAR MAIA

(Aprovado pela resolução n. 2.069, de 1945, do Conselho Administrativo).



CAPITÃO FELIPE NÉRI TEIXEIRA

Dr. H. P. VILLAGELIN

*Documentação de Campinas*

Em 1797 os habitantes da então Vila de São Carlos (hoje Campinas) compreendiam duas companhias e estavam divididos em seis - bairros distintos que eram: bairro da Vila, bairro das Anhumas, bairro do Capivari, bairro da Ponte Alta, bairro da Itibãia e o bairro dos - Dois Córregos.

A 1ª. companhia tinha como capitão - comandante Raimundo Alvares dos Santos Prado, sendo capitão Antônio Ferraz de Campos e - alferes Manuel Ferraz de Campos.

Felipe Néri Teixeira era o capitão da segunda companhia.

Fonte: Monografia Histórica do Município de Campinas,  
pg. 48.

do Centro de Ciências. Essas incongruências não nos interessam mas apontamo-las para estudos dos que se dedicam à genealogia. No ano em que se casou tinha 2 agregados e 21 escravos. Em 1793 teria Felipe regressado à Minas Gerais onde nasceu seu primeiro filho de nome Antônio Teixeira de Camargo quando tinha em sua companhia sua irmã de nome Joana Antônia, que estava com 44 anos, morava com êle e possuía quatro agregados e vinte e quatro escravos. Diz a nota de óbito de Antônio Teixeira que, falecendo em 13 de agosto de 1837 estava com 40 anos, o que é evidente engano, sendo muito mais certo que tivesse nascido logo após o casamento de seus progenitores e estaria então, na data de sua morte, com 44 anos.

Celso Maria de Melo Pupo dando notas de sua vida — afirma que... "o capitão Felipe Néri Teixeira, foi o moço aqui presente em 1774-75. Como os demais da família, foi abastado Senhor de Engenho, casando-se, também, em "Iu" e com uma Camargo... que lhe sobreviveu e foi tutora e administradora dos bens de seus filhos por carta assinada do próprio punho de Dom João VI; era neta paterna de Antônio Fernandes e de dona Luisa de Camargo Pais, por quem foi bisneta de Tomás Lopes de Camargo, "um dos fundadores de Ouro Preto", êste filho de Fernando de Camargo Ortiz, já citado, cujo sangue se espalha por grande número de famílias campineiras; era, ainda sobrinha-neta do Capitão José de Camargo Pais".

Dispondo de grande influência no local, desde a fundação do Município de São Carlos, foi um dos candidatos ao cargo de capitão-mór, apoiado pelo partido popular, diz o dr. Quirino dos Santos, em opposição ao candidato official, sargento-mór Raimundo Alvares dos Santos Prado, protegido pelo Governador Castro e Mendonça. Assinou êle todos os atos da elevação de Campinas à Vila e foi um ds 34 eleitores que votou na formação do primeiro Concelho. Foi por essa ocasião em que se empenhara a família Teixeira que Felipe Néri foi o indicado para o alto posto de Capitão-mor, quando, então, ocorreram os sucessos que já registramos e que culminaram com a sua prisão, de seu mano capitão Joaquim José, do guarda-mór Manoel Teixeira Vilela que foram enviados para S. Paulo, depois de desfeiteados, durante nove dias, além das injúrias que sofreram.

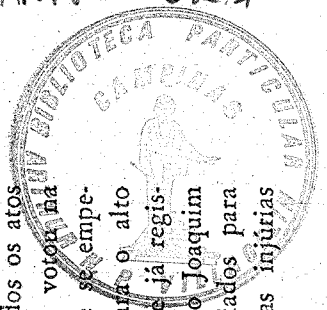
Antecedentemente (Melo Pupo), êste capitão já servira à terra campineira, desde quando aqui se estabeleceu e se fixára. A partir de 1783, a Câmara de Jundiá pedia ao Governô da Capitania a nomeação de

## FELIPE NÉRI TEIXEIRA

Bem poucos desses nomes já não deixamos de conhecer através desta história. Dentre êles, citamos o capitão Felipe Néri Teixeira elemento de grande projeção no fim do século XVIII e início do XIX, na Vila de São Carlos. Era êle filho do Capitão Domingos Teixeira Vilela (1.º vol. fls. 167) de Baependi e de dona Angela Isabel Nogueira do Prado. Casou-se no ano de 1792, na freguesia de Araraguaba, com dona Maria Leite de Camargo, filha de Joaquim Fernandes de Camargo e de dona Gertrudes Leite da Silva (S. L. 6-398/7/6). Diz uma nota de Benedito Otávio que, nesse ano de seu casamento, mudou-se para Campinas onde, a primeiro de janeiro alugára uma casa chamada "das almas", legado de Barreto Leme à freguesia antiga. Essa casa era situada — continúa aquêlê historiador, — nas vizinhanças da atual Matriz do Carmo e foi desapropriada pela Câmara por 12\$800, pata abertura de parte da rua do Comércio (dr. Quirino), em 1.800, segundo lêmos no livro do Tombo, à fls. 15, 58 e 59. E aí também se diz que o aluguel do prédio era de meia pataca ou fôsse 160 réis por mês!

No trabalho apresentado pela comissão de história do Centro de Ciências — pela comissão a que já fiz referências, — se escreveu "que Felipe nascera em Carrancas, na Capitania de Minas Gerais, a 1.º de maio de 1754, filho do casal nomeado que havia se consorciado em Baependi. Era irmão de Frei Antônio de Pádua Teixeira, 1.º vigário da freguesia das Campinas; do padre José Teixeira Vilela, vigário da Matriz velha e outros.

O nome de seu pai aparece pela primeira vez na história da Vila, na lista geral, organizada pelo seu Diretor Francisco Barreto Leme, em 1776, sendo certo que seu nome não consta desta lista; mas, do recenseamento dêsse ano, com 12 (?) anos, quando deveria ser 22 anos de idade, morando aqui. No recenseamento de 1792 aparece êle com 30 anos (?) e sua mulher dona Maria Leite, com 15! Como se vê uma data difícil a de seu nascimento, apesar da certidão apresentada pela comissão



capitão para governar a freguesia de Campinas; foi atendida em 1789 com a escolha de Felipe Néri para capitão agregado. Almotacé n.º 98, em novembro deste ano foi eleito sargento mor, cargo em que não foi empossado por recusar-lhe aprovação o governador".

Sua sesmaria ficava na chamada Barra, que é hoje a estação de Guedes, na linha Mojiana e fôra obtida juntamente com Bernardo Guedes Barreto, alferes Francisco Xavier da Rocha, Manoel Fernandes de Sampaio e Rafael Antunes de Campos, em 4 de janeiro de 1799. Fôra capitão de ordenanças da Vila, da 2.ª Companhia em 1797 e foi senhor de tôdas as terras do sítio Campo Grande e, nesse mesmo ano encontrava-se vago o cargo de alferes da mesma Companhia por ausência de João de Barros Pedroso ou Pedroso de Barros e, em seu lugar, nomeou-se o capitão Inácio Caetano Leme. Parte de sua sesmaria do Campo Grande, mais tarde, isto é, em 1822 quando era falecido o capitão, foi vendida ao Coronel Francisco Gonçalves dos Santos Cruz e suas divisas nas terras — que "posuía dous lanços de casas cobertas de palhas, iam do caminho do Saneamento da freguesia da Ponte Alta, correndo córrego abaixo até o rio Capivari, baixando o Morro Azul" e fôra vendida a êle Néri em 1793, por 128 mil réis.

Foi o filho de Domingos amigo íntimo do dr. José Barbosa da Cunha "seo especial amigo", como se leu em documentos da época.

Ocupou o destacado mineiro os cargos de Juiz Ordinário da Vila nos anos de 1.800, na 4.ª Câmara empossada a 1.º de janeiro e da 7.ª a 1.º de janeiro de 1803 e, foi, juiz de Órfãos em 1808; em 1802 encontramos uma nota em que se provava que êle gastara com festejos Reais, só em cêra, a quantia de 9\$680 e, quando Juiz de Órfãos em 1805, o capitão Joaquim José Teixeira Nogueira foi seu fiador até a quantia de cem mil réis; foi Juiz de Órfãos no triênio 1808-1811 e quando, em 22 de janeiro dêste último ano findou seu tempo de serviço se procedeu à eleição de seu substituto, tendo sua "carta de confirmação e usança" sido expedida de São Paulo, em 1.º de fevereiro de 1808, pelo Ouvidor Geral e Corregedor, dr. Miguel Antônio e Azevedo Veiga. Gozava de grande conceito na Vila, pelo seu espírito empreendedor e progressista, e pela enérgica vontade, que sempre o animava. Por êsses motivos, foi encarregado pelo Capitão General, Governador de São Paulo, da conservação dos ranchos, para o pouso dos tropeiros, na estrada entre Jundiá e a Vila de São Carlos, segundo se verifica por uma ordem do Marquês de Alcantara (Capitão General e Governador da Capitania), lida em sessão

da Câmara de 8 de março de 1812, na qual o Marquês pedia à edilidade que o informasse da incumbência cometida ao Capitão Felipe Néri Teixeira.

Mas, o fato mais saliente de sua vida, na história campineira, foi a influência decisiva que exerceu, na escolha do local, e das proporções, que deviam ser dadas ao novo Templo, quando se cogitou da construção da Matriz Nova. Ainda não contava a Vila de São Carlos uma década de existência, quando os sancarlenses cogitaram de levantar essa Igreja, por considerarem exígua a então existente. Para dar andamento aos seus desejos, o Corregedor e Ouvidor Geral, dr. Miguel Antônio de Azevedo Veiga, que aqui se achava desde setembro, em serviço de seu cargo, promoveu a reunião que conhecemos, em 6 de outubro de 1807, sob sua presidência, de 39 dos principais notáveis da Vila, e, depois de concordarem sobre o cometimento, entre outros assuntos, passaram a discutir a situação do local, em que o templo deveria ser edificado. Esse já havia sido escolhido anteriormente, conforme se vê da ata da correição, de 30 de setembro de 1807, e "era na mata, abundante em veados", pertencente ao rocío da Vila. A planta também, já havia sido organizada".

Nesse particular — afirma Celso Maria que "êle e seus companheiros foram de um arrôjo a toda prova, tinham cega confiança nos destinos riosos da terra campineira, tanto que edificaram um Templo para o futuro, de proporções grandiosas". A escolha do local para a Matriz nova foi objeto de grandes discussões, vencendo a opinião dos Teixeira; êste local, onde está edificada, era considerado por muitos como demasiadamente afastado do centro da Vila, o que estava conforme a orientação antiga do Bispo de São Paulo, Dom Mateus de Abreu Pereira, que na visita pastoral de 1801 deixou recomendado ao pároco Padre Joaquim José Gomes: "deve fervorosamente continuar na obra da nova Matriz no mesmo lugar em que se acha a actual por ser o lugar mais próprio, mais povoado e mais cômodo". O parecer dos Teixeira, entretanto, era pela edificação no terreno onde hoje se acha, de mais evidência para tão grandiosa obra e condizente com o futuro próspero que êles previam.

De seu único casamento teve o capitão Felipe Néri os seguintes filhos, além de Antônio Teixeira de Camargo e que foram: d. Maria Angela Teixeira, natural da Vila de São Carlos, a qual casou, em primeiras núpcias, em 1807, na Vila, com Joaquim Ferreira da Silva, natural de Congonhas do Campo (Minas Gerais) e aqui faleceu em 1829. Em segundas núpcias casou com o tenente Manoel Joaquim de Moraes, o qual, também, era viúvo de d. Maria Bárbara de Camargo. D. Maria





Angela faleceu na Vila em 13 de agosto de 1837: do segundo casamento de d. Maria Angela proviço o falecido e estimado cidadão Coronel Antônio Benedito de Moraes Teixeira, já falecido, o qual, assim, foi legítimo bisneto do Capitão Felipe Néri Teixeira; d. Ana e Gertrudes Teixeira de Camargo, as quais casaram, em 1818, em Piracicaba, respectivamente, com Luiz Cactano e Joaquim José de Sampaio, irmãos, por parte de pai, sendo o primeiro natural de Ouro Fino; Felipe Néri Teixeira (II), o qual casou, por duas vezes, na Vila carolina; a primeira, em 1826, com Antônia Ferraz de Arruda, e, a segunda, em 1840, com Maria Tereza da Silveira. Com referência a este segundo Felipe encontramos uma nota de inventário (1844), em que aparecem Francisco Antônio de Sousa Campos, neto de dona Escolástica Pais Ferraz e Antônio da Silva Leme; Vicente de Sousa Campos, também neto; Francisco do Amaral Castanho, casado com d. Ana Ferraz de Campos; Joana de Campos, neta, casada com João Batista Leite; Simão Antônio Gonçalves, casado com Maria Ferraz de Campos e Felipe Néri Teixeira, casado com d. Antônio Ferraz Leite.

A esposa de Felipe Néri Teixeira faleceu em 9 de julho de 1811, deixando os filhos: Antônio Teixeira de Camargo, com 19 anos (o que confirma seu nascimento ocorrido em 1793, pois que estas notas foram extraídas do inventário); d. Maria Angela, casada com Joaquim Ferreira da Silva; José Teixeira, com 13 anos, faleceu; Francisco, de 9 anos, casouse; Ana, com 7 anos; Felipe, com 3 anos. No inventário declarou-se ela natural de Pôrto Feliz, confirmando sua ascendência, tendo tido de seu matrimônio oito filhos. Era viva sua progenitora d. Gertrudes, deixava também o irmão de nome Antônio Fernandes, tenente e era prima de uma filha de d. Ana Cardoso, que tinha o nome dela testadora.

No ano seguinte quando prosseguiam as obras iniciais da nova Matriz, ocorria o falecimento do prestante cidadão Felipe, na fazenda do Rio Acima, na então Vila de Pôrto Feliz. Isso se dera fóra de São Carlos porque o capitão vivia em constantes viagens e na última delas a morte fóra surpreendê-lo.

O inventário desse casal foi iniciado em 1812 e finalizando em 1819 — tendo se procedido ao mesmo em virtude do inventariante o testamenteiro Capitão Felipe Néri assim o ter requerido. Mais tarde ocupou esse cargo o primogênito do casal, Antônio Teixeira de Camargo que declarou que "seu pai falecera na Vila de Pôrto Feliz em hum dos dias

Constam, dentre outras informações no processado, que o reverendo vigário Joaquim José Gomes, em 1814, a quem Felipe Néri alugára como administrador dos bens da Igreja, um escravo pertencente à Nossa Senhora da Conceição, nossa Padroeira, aluguel esse que havia sido feito na base de 18 mil réis por ano".

Felipe Néri Teixeira ao falecer deixou testamento nuncupativo, in-formação prestada em 6 de outubro de 1812.

Em sessão da Câmara de 22 de novembro de 1812, perante o Juiz presidente da mesma, — Joaquim Aranha de Camargo, presentes os vereadores Domingos da Costa Machado e Antônio Francisco de Andrade e o procurador do Concelho Joaquim de Almeida Lima, por falecimento do administrador das obras da nova Matriz, o capitão Felipe Néri Teixeira tomaram-se as contas que foram apresentadas pelo seu genro Joaquim Ferreira da Silva, as quais se encontravam lançadas em um caderno.

(Cópia xerográfica das páginas

113 a 118 do Volume 42 da "História da Cidade de Campinas", de autoria do historiador campineiro Jolumá Brito, pseudônimo de João Batista de Sá, editada pela Editora Saraiva, de São Paulo, em 1957)

